

ADOLFO CAMINHA EM *BOM-CRIOULO*

Um questionamento

Laíza Cândido dos Santos Martins de Souza¹

RESUMO

A partir da leitura da obra *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), e, posteriormente, de artigos relacionados à mesma, inquietei-me com o equívoco de comparar o autor com sua obra. Desse modo, Caminha seria o próprio “Bom-Crioulo”, ou seja, homossexual, com todas as suas características, ambições e inquietações? Assim, por meio de um diálogo do presente livro com outros textos, procurarei elucidar que o mesmo evoca aspectos da sociedade em que viveu Caminha, bem como eventos e hábitos ocorridos no Brasil e em Portugal relacionados ao Exército e à Marinha, da qual “Caminha era um oficial naval na ativa entre os 1886 e 1889 [...]” (HOWES, 2005). Com isso, *Bom-Crioulo* não deve ser considerado, portanto, uma autobiografia do autor, e sim, uma reflexão crítica e naturalista do Brasil antes e durante a Abolição da Escravatura.

Palavras-chave: Adolfo Caminha. homossexual. eventos. marinha. reflexão. crítica.

ABSTRACT

From the reading of the work *Bom-Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha (1867-1897), and later, of articles related to the same work, I was concerned with the misconception of comparing the author and his work. Thus, would Caminha be the “Bom-Crioulo” himself, that is, homosexual, with all his characteristics, ambitions and concerns? Therefore, through a dialogue of this book with other texts, I will try to shed some light on the fact that it evokes aspects of the society in which Caminha lived, as well as events and habits that occurred in Brazil and in Portugal related to the Army and to the Navy, in which “Caminha was a naval officer on active duty between 1886 and 1889 [...]” (HOWES, 2005). With that, *Bom-Crioulo* should not be considered, therefore, an autobiography of the author, but a critical and naturalistic reflection about Brazil before and during The Abolition of Slavery.

Key Words: Adolfo Caminha. homosexual. events. navy. reflection. critic.

¹ Graduanda em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Monitora no projeto CLIC (Curso de Língua Inglesa para a Comunidade), na Faculdade de Formação de Professores, em São Gonçalo.

1 A Obra

Escrito em 1895, *Bom-Crioulo* é considerado o primeiro grande romance a tratar da homossexualidade por um viés extremamente naturalista. Na presente obra, dividida em doze capítulos, Adolfo Caminha chama a atenção pela “clareza das descrições” (HOWES, 2005, p. 172), como também ao discutir a pederastia entre dois oficiais da Marinha do Brasil: Amaro, o *Bom-Crioulo* – puro negro, hercúleo e escravo fugido –, o qual seduz Aleixo – um grumete branco de quinze anos –, que se rende aos desejos daquele, uma vez que o protege contra os outros oficiais do navio e lhe dá uma moradia – um quartinho na pensão de D. Carolina, localizada na Rua da Misericórdia, Rio de Janeiro.

Contemporâneo do Naturalismo no Brasil, Adolfo Caminha escreve em “câmera-lenta, visto que a tese adotada reclamava a disposição silogística da narrativa” (LIMA, 2013), em que os capítulos iniciais funcionam como premissas da conclusão do “último ato”:

— Sou eu mesmo, rugiu Bom Crioulo, sou eu mesmo! Pensavas que era só meter-te com a portuguesa, hein? [...] E apertava bruscamente o outro, sacudindo-o como se o quisesse atirar ao chão [...] Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida pra trás, roxo [...]. (CAMINHA, 2002, p. 116, 118)

Segundo Howes (2005, p. 172), “Numa carta para Sabino Batista datada em 31 de outubro de 1894, Caminha escreveu que seu livro estava no prelo e devia aparecer em dezembro”; todavia, muitos acreditavam que a demora na publicação de *Bom Crioulo*, que só fora publicado em novembro de 1895, era por motivos pessoais ou talvez por medo da repercussão que tal assunto fosse causar, uma vez que no ano anterior havia publicado *A Normalista* (1893), romance de cunho regionalista, que “foi baseado num escândalo real em Fortaleza e trata da sedução duma moça pelo seu tutor”. (HOWES, 2005, p. 176).

Entretanto, como “autor marginalizado e pobre” (MENDES, 2012, p. 4), Caminha destilava duras críticas quanto ao sistema literário, sobretudo no Rio de Janeiro, na década de 1890, afirmando que o público em sua maioria era analfabeto, e também pelos preços abusivos cobrados pelas editoras. Quem sabe por isso Caminha tenha se demorado mais a publicar sua mais ousada obra. Logo, penso ser errônea a ligação feita entre a história do livro e a história/vida do autor, uma vez que o discurso literário usado por Caminha tem muito do que presenciara na Marinha.

Assim, baseando-me nos escritos de Howes (2005), Mendes (2012) e Compagnon (2010), buscarei dialogar com o livro *Bom-Crioulo* e algumas “suposições” levantadas por

aqueles que tiveram a oportunidade de ler a obra, e que, por conseguinte, criticaram a posição do autor, bem como a maneira pela qual ele abordou a homossexualidade. Todavia, concordo com o próprio Caminha quando o mesmo defende o seu romance com relação à Marinha: “no caráter de oficial de marinha, vi os episódios acidentais que descrevo a bordo”. (1896, p. 41).

2 Naturalismo ou Modernismo?

Após a publicação do “surpreendente *Bom-Crioulo*” (MENDES, 2012, p. 3), Caminha se destaca, em parte, como um dos maiores escritores naturalistas do Brasil, juntamente com Aluísio Azevedo (1857-1913). Todavia, a própria ideia do Naturalismo não era bem quista pela crítica conservadora e, sobretudo, pelas universidades; uma vez que a presente estética defendia o comportamento do homem como resultado do meio em que vivia, pontuando suas taras sexuais, chamando atenção para seu lado animalesco.

Logo, assim como Caminha, outros escritores ditos canônicos, tais como Raul Pompéia – com *O Ateneu*, em 1888 –, e o próprio Aluísio Azevedo eram criticados por desenvolverem essa tendência, entendida talvez, como deveras moderna – em oposição ao conservadorismo da época –, por apresentar uma inovação em seus temas, bem como sua forma de descrever hábitos que anteriormente eram ignorados. Contudo, o que se objetivava na maioria das vezes era exatamente fazer críticas ou denúncias de questões que de fato foram ignoradas por muito tempo por aqueles que se debruçavam em construir romances idealizados ou cheios de sentimentalismo. Nas palavras de Caminha (1999, p. 68), citado por Mendes (2012, p. 6):

Condena o “misticismo literário e religioso” dos tempos, que ele associa ao romantismo e às tribos dos simbolistas e dos decadentistas, chamados por ele de “bando de nilistas de nova espécie”.

Portanto, Adolfo Caminha ganha evidência por inovar e revolucionar no campo literário, sobretudo pela escolha dos temas transgressivos de seus três únicos romances: *A Normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *Tentação* (1897). Contudo, o segundo destes chamou mais atenção, sobretudo por suas cenas explícitas, e que, por conseguinte, segundo Howes (2005, p. 175), “Magalhães e Veríssimo sugeriram que *Bom Crioulo* refletia a experiência pessoal do seu autor [...]”.

Ter a intenção do autor como ponto de partida para interpretar uma obra literária teve início no século XIX, segundo afirma Compagnon (2010, p. 49), o que na época constituiu grande conflito entre os antigos e os modernos, uma vez que estes defendiam a nova crítica,

enquanto aqueles, a história literária, uma vez que “a vantagem principal da identificação do sentido à intenção é a de resolver o problema da interpretação literária: se sabemos o que o autor quis dizer [...], não é preciso interpretar o texto”. (COMPAGNON, 2010, p. 49). Assim, quando há o foco na intenção ou biografia do autor, perde-se o que é mais importante: a crítica literária pessoal. Desse modo, seria um equívoco pensar que a obra reflete a experiência de Adolfo Caminha.

Entretanto, se o que Magalhães e Veríssimo chamam de “experiência pessoal do autor” forem “as práticas dos castigos de chibata” a que Caminha assistiu quando cadete, nada mais natural, uma vez que Adolfo Caminha protestava, e, logo, era contra esse tipo de “conserto” aplicado aos marinheiros, que na sua maioria eram negros. Esse tema é abordado logo no primeiro capítulo de *Bom-Crioulo* (2002, p. 15-17):

Com pouco estava tudo pronto, marinheiros e oficiais – aqueles alinhados a dois de fundo [...] — Os presos..., fez o comandante, sem se alterar, dando um puxão na manga da farda. [...] E tinha (guardião Agostinho) sempre esta frase na ponta da língua: — Navio de guerra sem chibata é pior que escuna mercante... Chegam os presos: um rapazinho magro, muito amarelo [...], outro regulando a mesma idade, mas um pouco moreno [...]; e um primeira-classe, negro alto [...] VINHAM EM FERROS [...]— Vinte e cinco... (chibatadas), ordenou o comandante. [grifo meu]

Assim, como dito anteriormente, os escritores do Naturalismo não buscavam a idealização da sociedade em que viviam; “por outro lado, o artista não pode eximir-se à influência do meio em que vive, aos costumes do tempo, ao estado dos espíritos” (*A Literatura Nova – O Realismo como nova expressão da arte*, 1871). Portanto, não há porque se pensar em *Bom Crioulo* como uma autobiografia de Adolfo Caminha, unicamente pelo fato de o mesmo abordar o tema da homossexualidade, ou até pelos castigos dentro do navio.

3 Transgressão

Por meio da leitura de artigos a respeito da vida e da obra de Adolfo Caminha, indaguei-me sobre o fato de na maioria das vezes ele ser “apontado” como homossexual, ou defensor dos direitos desta minoria, principalmente após a publicação de *Bom-Crioulo*. Dessa forma, e quanto a outros escritos que datam de 1885 ou 1888 e abordam casos de transgressão? Então, ao escrever *Um Homem Gasto* (1885), Ferreira Leal retratava sua experiência como viciado em drogas ilícitas, além do desejo de suicidar-se? Assim como Aluísio Azevedo, em *O Cortiço* (1890), que destaca o cotidiano de três personagens ditos “à margem da sociedade”, como um jovem efeminado, um velho sujo e uma prostituta lésbica agressiva. (HOWES, 2005, p. 176). Quem seria ele destes três?

Como se percebe na datação, ambas as obras são anteriores a *Bom-Crioulo*, assim como os demais romances de Adolfo Caminha. Logo, pode-se pensar em possíveis influências, pois, além das experiências vividas pelo autor, é possível que Caminha tenha lido tais obras de seus contemporâneos. Ainda que escrita em 1871, a “4ª Conferência de Eça de Queirós – A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte”, muito acrescenta ao que se buscava com o Naturalismo no Brasil, e muitos não compreendiam:

E assim, a arte decaí no drama, na poesia, na pintura... Dir-se-á que por falta de gosto: mas o gosto está mais educado que nunca. Também não é por falta de estudo: SABE-SE MAIS QUE NUNCA. [grifo meu]

Assim, o que se vê é, na verdade, o gosto de Caminha e de outros escritores por assuntos transgressivos. Todavia, segundo Howes (2005), “Caminha enfatizou a seriedade do trabalho, apontando os seus antecedentes literários e científicos e baseou o seu apelo à legitimidade sobre as obras dos médicos contemporâneos especializados em homossexualidade”, ou seja, a obra *Bom-Crioulo* deve ser entendida como um estudo aprofundado das questões relativas à homossexualidade e à suposta abolição da escravatura. Assim, casos em que o ser humano é visto segundo sua natureza, sua real história. Contudo, quando se pensa no determinismo, há que se refletir: será mesmo o ambiente um condicionante para a transgressão da vida das pessoas, ou é possível que o ambiente determine as ações dos seres humanos?

4 1886 a 1889 – Marinha do Brasil

Visto que não há indício algum de que Adolfo Caminha era ou defendia os direitos dos homossexuais, o que poderia tê-lo inspirado? Howes (2005) aponta que Caminha foi um oficial naval na ativa entre 1886 e 1889, e que durante esse período dois eventos relacionados a oficiais da Marinha do Brasil e do Exército lisbonense foram noticiados nos jornais. É evidente que assim como os demais marinheiros, Adolfo Caminha também tivera conhecimento desses incidentes. Todavia, o que noto é a semelhança das descrições, tanto das personagens quanto do desenrolar da narrativa, com os eventos jornalísticos a que Caminha teve acesso.

A primeira evidência de que Adolfo Caminha pode ter pensado em escrever *Bom-Crioulo* a partir das experiências vividas no Rio de Janeiro é a de que uma das reportagens fala da morte de um grumete de 16 anos, em 1888, na Rua da Misericórdia (HOWES, 2005, p. 177), rua esta retratada no romance e que serve de pano de fundo para o desenrolar da trama

entre as três personagens, assim como o momento da morte de Aleixo, também este um grumete. Howes (2005, p. 177) pontua que Caminha encontrava-se no Rio naquela época e que possivelmente teve conhecimento do caso, uma vez que este era marcado por brigas de rua “entre a polícia e os marinheiros”, aspecto este retratado na obra *Bom-Crioulo*.

Segundo os que defendiam a *mimesis*, e apoiavam-se na *Poética* de Aristóteles, “a literatura imitava o mundo”; além disso, o próprio Aristóteles define a *mimesis* como uma aprendizagem, a qual “desde a infância, os homens têm, inscrita em sua natureza, [...] uma tendência à *mimeisthai* [imitar ou representar]”. (COMPAGNON, 2010, p. 124). Portanto, o fato de Caminha ter talvez refletido sobre esse evento em seu romance não caracteriza uma cópia ou uma réplica; mas “um conhecimento próprio do homem, a maneira pela qual ele constrói, habita o mundo”. (COMPAGNON, 2010, p. 124).

A fim de reiterar a afirmação de Adolfo Caminha quanto a um estudo aprofundado das questões humanas, destaco como oportuno o outro evento noticiado no ano de 1886, este, porém, em Portugal. Segundo o jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, e a revista *Novidades*, da mesma capital, um cadete da Escola do Exército assassinou seu colega em uma rua próxima à escola em Lisboa. (HOWES, 2005, p. 177). Contudo, devo pontuar o fato de que o assassino foi absolvido, num primeiro momento, visto que seu advogado argumentou que o mesmo sofrera um ataque epiléptico no momento do assassinato, e que por isso não poderia ser acusado.

Assim, percebe-se a influência das teorias científicas relacionadas a assuntos judiciais, e que, por conseguinte, terão amplo espaço no campo literário. É o que se nota em *Bom-Crioulo*, que por muitos pode ser considerado inocente, ou até digno de pena, uma vez que não se sabe se sua motivação para matar Aleixo foi uma crise de ciúmes, por saber que este estava envolvido com uma mulher, ou por uma mistura de “loucura e perda de razão” (HOWES, 2005, p. 179), tal como se vê no seguinte trecho de *Bom-Crioulo* (2002, p. 114):

[...] todo ele vibrava, todo ele tremia, como um epiléptico [...] transfigurava-se, enlouquecia de ódio, espumava de cólera, de raiva, de ciúme!

Logo, ainda que o assassino português supostamente não sofresse desta doença, destaco a importância que Caminha, “como bom seguidor de Darwin” (MENDES, 2012, p. 6), coloca no avanço dos estudos relacionados ao homem, uma vez que defendia a objetividade quando ao tratar das funções corporais, ou seja, entender que o ciúme, por exemplo, é algo tão natural quanto ir ao banheiro. Além disso, mesmo que os jornais

portugueses não tenham se atentado à relação homossexual entre os oficiais da escola, Adolfo Caminha, a fim de “naturalizar” essa nova concepção de casal, centraliza o tema da homossexualidade e deixa de lado as questões a respeito da escravidão, e reserva apenas um capítulo para retratar os maus tratos dos negros.

5 (In)Conclusões

Por muito tempo, a insinuante obra de Adolfo Caminha foi ignorada; todavia, a partir da década de 1940, passou a ter espaço como leitura obrigatória, e, como consequência, foi engavetada na escola literária do Naturalismo, juntamente a outro inovador livro, *O Cortiço*. Até os dias atuais, *Bom-Crioulo* é interpretado como uma confissão de seu autor; ou como uma releitura dos clássicos trágicos, tal como descrito na *Poética*, de Aristóteles, em que sua estrutura e o desenrolar da narrativa são semelhantes às de uma tragédia.

Muito se especula a respeito da intenção do autor para ter escrito sobre uma relação homoafetiva entre dois homens; contudo, a partir da reflexão de Émile Benveniste, em *A Natureza dos Pronomes* (1956), corroboro minha tese de que:

O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao “escriptor”, que não é jamais senão um “sujeito” no sentido gramatical ou lingüístico, um ser de papel, não uma “pessoa” no sentido psicológico [...] [grifo meu]

Assim, o que se perde aos olhos dos críticos e da sociedade é a infinidade de referências destacadas (ou não) por Adolfo Caminha. Tal como a violência sofrida pelos não brancos – que são ignorados pela população brasileira, a qual estava obstinada com a imigração portuguesa –, vê-se também a representação da tragédia do próprio autor-crítico, que estava “preso entre a admiração da sua geração pela cultura europeia e a consciência das implicações perigosas para seu próprio país”. (HOWES, 2005, p. 187).

Logo, procurei questionar e refletir acerca de comentários da obra *Bom-Crioulo*, os quais entendo como equivocados, uma vez que Adolfo Caminha reserva cerca de dois capítulos para descrever a rotina dos oficiais da Marinha, e, conseqüentemente, denuncia o que de pior acontecia aos que desobedeciam as ordens dos superiores. Além disso, acredito ser a intenção do autor a última explicação a se recorrer, a fim de deduzir o sentido original do texto, tal como nos esclarece Compagnon (2010, p. 51):

Enfim, último elo do novo sistema que se deduz inteiramente da morte do autor; o leitor, e não o autor é o lugar onde a unidade do texto se produz, NO SEU DESTINO, NÃO NA SUA ORIGEM [...] [grifo meu]

Desse modo, ainda baseando-me em Howes (2005), ratifico a tese de que entendendo a obra *Bom-Crioulo* tal como uma tragédia, concluo que, ao contrário daqueles que defendiam a estética romântica, e assim esperavam talvez um final feliz, a presente história pode ser lida como um romance homoafetivo, a qual retrata “a tragédia da população não-branca do Brasil” (HOWES, 2005, p.186), ignorada pela elite branca; desse modo, uma história real, e não poetizada.

Talvez por isso, tenha sido tão mal recebida pelos críticos portugueses, contrastando com a recepção de *O Barão de Lavos* (1898), de Abel Botelho, que teve um desfecho tradicional e pudico. Por consequência, entendo a tragédia final da obra, também como a tragédia do próprio Adolfo Caminha, uma vez que, mesmo retratando o caso de assassinato em Portugal, o autor se depara com a influente cultura europeia em meio a sua geração, além da ingenuidade da população brasileira frente a importantes decisões.

Portanto, se para Valentim Magalhães a obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha talvez não possa ser considerada como literatura, uma vez que é ambígua, e não destaca nenhuma mensagem específica; defendo eu que, “esta é uma das suas virtudes como obra de literatura” (HOWES, 2005, p. 187), um texto para pensar, refletir, e não somente “um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel” (HOWES, 2005, p.173), tal como quisera o próprio Valentim Magalhães.

Logo, o que Adolfo Caminha tentara mostrar era que a literatura tinha muito valor, exigia esforço e disciplina, ou seja, não poderia ser vista somente como um dom, mas sim como a relação entre dedicação e trabalho. Assim, retratar a realidade do que presenciou entre os anos de 1886 e 1889, na Marinha e na sociedade brasileira, constituía um dever para o autor, uma vez que a denúncia dos fatos fazia-se urgente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum**. Traduzido por Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. 2. ed. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2010.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. **4ª Conferência de Eça de Queirós – A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte**. 1971.

HOWES, Robert. **Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha**. João Pessoa, UFPB. **Graphos**, Revista da Pós-Graduação em Letras, Vol. 7., n. 2/1, p. 171-190, 2005.

LIMA, Jean de. **Literatura, compreensão e interpretação de textos**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.marcadocomletras.com/2015/01/review-bom-crioulo.html>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

MENDES, L. P. **O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário**. São Paulo: Fronteiraz, v. 8, p. 1-10, 2012.